
ESCUTA O CHORO E COMEMORA: NASCIMENTO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO GRILO - PB

Alcione Ferreira da Silva

(Historiadora e Graduanda em serviço social- UEPB
alcionefs@hotmail.com)

Prof^a Dr^a Maria Lindaci Gomes de Souza

(Docente do departamento de história- UEPB
mlgsouza26@hotmail.com)

INTRODUÇÃO

Esse texto é um recorte da pesquisa, práticas culturais, memória e a arte de inventar o cotidiano: (re) escrevendo as brincadeiras infantis, cantigas, festas e práticas de cura em três comunidades afro-descendentes paraibanas, que está vinculada ao Programa de Incentivo à Pós-graduação e Pesquisa – PROPESQ- ligado a pró-reitoria de pós-graduação e pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba. Nossa pesquisa lançará olhos para a comunidade negra remanescentes de quilombo do Grilo, visando interpretar as representações acerca do nascimento.

A comunidade remanescente de quilombola do Grilo, pertence à zona rural do município de Riachão do Bacamarte, localizado no Agreste do estado da Paraíba. Configura-se geograficamente, no alto de um lajedo, que impõe algumas dificuldades, relativas à acessibilidade. A referida dificuldade de acesso é uma característica que foi inerente aos antigos quilombos do período colonial, que permanece como uma constante nos quilombos da atualidade.

No desenvolvimento de uma pesquisa em comunidades rurais negras, faz-se necessário, tecer, ainda que de modo muito breve, algumas considerações acerca de alguns conceitos de quilombo.

Apesar dos preconceitos que atribuíram, por séculos, o lugar de uma suposta inferioridade as história e cultura afro-brasileira, vasta é a literatura que se volta para os quilombos brasileiros, mas destacamos as produções iniciadas na década de 1980, uma vez que:

A partir dos anos 80, a escravidão brasileira foi repensada. A renovação dos estudos sobre o escravismo resultou da influência de correntes historiográficas e orientações ideológicas de âmbito internacional. Paralelamente a produção bibliográfica desenvolvida nos estados Unidos, onde se encontra o maior número de produções sobre o escravismo nas

Américas, chegavam tendências do marxista inglês Thompson, que punha em relevo a superestrutura ao invés da estrutura e da Nova História francesa com a utilização de novas fontes e metodologia diferenciada. (APOLINÁRIO, 2007, p.13)

De acordo com LEITE (2000), alguns autores chamam atenção para os dois extremos nos quais o quilombo é abordado, “a partir do ideário liberal, proveniente dos princípios de igualdade e liberdade da Revolução Francesa, em que é romanticamente idealizado ou, sob o viés marxista-leninista, no qual é associado à luta armada.” É importante que se ressalte que entre esses extremos, quilombo é um termo que vem sendo utilizado desde o Brasil colônia. Desse modo, o mesmo adquiriu muitas variações tanto na tradição popular quanto acadêmica brasileiras, entretanto,

a característica que torna singular o quilombo do período colonial e do atual para este autor –MOURA- decorre do fato de que todas as experiências já conhecidas revela uma certa capacidade organizativa dos grupos (...) Destruídos dezenas de vezes reaparecem em novos lugares como verdadeiros focos de defesa contra um inimigo sempre ao lado (...) esse caráter defensivo começa a mudar, em parte com a abolição, quando mudam-se os nomes e as táticas de expropriação, e a partir de então a situação dos grupos corresponde a outra dinâmica, a da territorialização étnica como modelo de convivência com os grupos da sociedade nacional. Mas por outro lado, inicia-se a longa etapa de construção de identidade desses grupos seja pela formalização da formação étnico-cultural no âmbito local, regional ou nacional, seja pela consolidação de um tipo específico de segregação social e residencial dos negros, chegando até os dias atuais. (LEITE, 2000, p. 338)

Os quilombos se configuram num espaço de discussão que vem despertando interesse de diferentes áreas do saber, como destaca LEITE (2000) enfocando a discussão dos quilombos na atualidade sobre o prisma da luta dos afro-descendentes como atores políticos, especialmente após a promulgação da Constituição Federal de 1988.

ARRUTI (2006) traz grandes contribuições ao nosso trabalho ao discutir o processo de formação dos quilombos, especialmente no Nordeste brasileiro, evidenciando a forte marca da miscigenação. Podemos destacar outra contribuição do sociólogo ARRUTI (2006), quando o mesmo tece discussões sobre os estudos que debatem acerca do conceito de remanescentes de quilombo suscitados, a partir do artigo 68 da Constituição Federal de 1988. O mesmo autor, ainda nos traz importantes debates acerca o paradigma territorialidade e o paradigma da etnicidade, sendo, basicamente, o

primeiro marcado pela ideia de uso comum e o segundo, estreitamente vinculado a este, uma vez que:

(...) ao lado do paradigma histórico e etnológico das terras de uso comum, o conceito de grupo étnico impõe uma definição de remanescentes de quilombos calcada em critérios subjetivos e contextuais, marcados pela ideia de *contrastividades*, Poe meio da qual um grupo se percebe e se define sempre pela oposição (no caso, o conflito fundiário) a um outro. O conceito de grupo étnico surge, então, associado à ideia de uma afirmação de identidade (quilombola) que rapidamente desliza semanticamente para a adoção de auto-atribuição (...) (ARRUTI, 2006, p. 93)

SOBRE O USO DA HISTÓRIA ORAL

Fazemos uso do método da História Oral por meio da técnica da entrevista semi-estruturada, por reconhecermos nela, um instrumento de grande importância para o trabalho de um historiador, uma vez que nos permite, não apenas entrar em contato com o indivíduo que nos fala, mas por meio dele entramos também em sintonia com o contexto no qual ele está inserido, uma vez que, de acordo com oliveira, citado por Araújo & Santos (2007, p. 192)

A história oral recupera aspectos individuais de cada sujeito, mas ao mesmo tempo ativa uma memória coletiva, pois, à medida que cada indivíduo conta a sua história, esta se mostra envolta em um contexto sócio-histórico que deve ser considerado. Portanto, apesar de a escolha do método se justificar pelo enfoque no sujeito, a análise dos relatos leva em consideração, como já foi abordado anteriormente, as questões sociais neles presentes.

Nesse contexto, faz-se pertinente lembrar que a História Oral é um método singular para o ofício do historiador, permitindo ao mesmo perceber que:

(...) a pesquisa e a documentação estão integradas de maneira especial, uma vez que realizamos uma pesquisa em arquivos, bibliotecas etc., e com base em um projeto que se produzem entrevistas, que se transformarão em documentos, os quais, por sua vez, serão incorporados ao conjunto de fontes para novas pesquisas. (ALBERTI, 2005, p.81)

NAS TRILHAS TEÓRICAS

No que tange às concepções teóricas que norteiam nosso trabalho, ajudaram a costurar nossas análises na pesquisa: CERTEAU (2002) e CHARTIER (1990). O debate

estabelecido entre os teóricos anteriormente citados nos permite pensar a leitura (visão de mundo) e o consumo não como momentos de passividade, mas como atos criadores. No presente trabalho adotamos uma perspectiva na qual

Concebidos como um espaço aberto a múltipla leitura, os textos e também todas as categorias de imagens, não podem então, ser aprendidos nem como objetos nem como objetos cuja distribuição bastaria identificar, nem como entidades cujo significado se colocaria em termos universais, mas presos na rede contraditórias das utilizações que os constituíram historicamente. (CHARTIER, 1990, p. 61)

Isto significa dizer que entre o texto (entendendo este como quaisquer informações escritas visuais, ou de outra natureza podem ser consideradas textos, são passíveis de leitura) e o leitor há um espaço, um momento criador e não um vazio absoluto, “os textos (...) não se inscrevem no leitor como o fariam em cera mole” (CHARTIER, 1990, p. 25).

A inventividade do mais fraco é o que esta em relevo nesse estudo, sendo aquela permanente no cotidiano dos quilombolas, que fazem do seu dia-a-dia um teatro de operações onde se utiliza de táticas para escapar às estratégias do forte. Aqui se faz pertinente distinguir estratégia e tática:

Chamo de estratégia o calculo (ou a manipulação) das relações de força que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio de ser a base de onde se podem gerir as relações como uma exterioridade de alvos ou ameaças. (...) chamo de tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio (...). A tática não tem por lugar senão o do outro (...). Em suma, a tática é a arte do fraco. (CERTEAU, 2002, p. 99-101)

Nessa perspectiva é que buscamos nas imagens do cotidiano, presentes nas memórias de pessoas idosas da comunidade remanescente de quilombo do Grilo, *as artes de fazer* que taticamente desviem dos ditames sociais que lhes foram estrategicamente impostos, buscamos nesse *outro* a peculiaridade de sua historicidade, os traços da identidade da comunidade, considerando que a identidade “É definida historicamente, e não biologicamente, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são identificadas ao redor de um “eu” coerente” (HALL, 2002, p. 13)

Em consonância com este pensamento, é nossas entrevistas se voltaram para as representações nascimento, batismo, namoro, casamento e morte. Sendo o nascimento, o namoro e a morte evidenciados nesse trabalho.

O CHORO QUE CONGREGA EM ALEGRIA

Sobre o nascimento, é interessante como ele, no interior da comunidade do Grilo, se constituía em um momento não restrito ao seio da família nuclear, mas de comunhão entre a comunidade toda. Os acontecimentos que marcavam o nascer nos foram narrados pela líder comunitária com riqueza de detalhes:

Quando nascia uma criança aqui (...) quem pegava era a parteira, a parteira era minha mãe (...). O povo chamava, o dono da casa, chegava chamando, “- Dona Dôra! A minha mulher ta em trabalho de parto eu vim chamar”. Ela (...) tinha uma bolsinha já pronta né? (...) Depois que nascia soltava fogos, se fosse menino era três fogo, se fosse menina era dois fogos, (...) quando acabava (...) pra avisar, já nasceu... tinha comemoração, era os fogos, depois tinha um almoço né? (...) tinha, porque todo mundo fazia um chiqueiro grande... uma casinha de taipa, de pau ou de tijolo pra botar trinta, quarenta capão bem gordo, (...) o capão era gordo, muito gordo (...) fazia pirão prá todo mundo. (Leonilda coelho Tenório dos Santos, 2010)

Por ocasião do nascimento de um novo membro da comunidade, era comum a prática de tomar cachimbo que se caracterizava do seguinte modo:

O cachimbo era cachaça de cabeça né? Cachaça, cachaça pura, botava ou mel de abelha, ou açúcar, fazia isso quando faltava um mês pra mulé ganhar neném, fazia antes de um mês. Fazia aqueles litro tudim (...). Aí enchia de cachimbo deixava cheim e botava pra apurar (...) o mês todim (...) dava pra você comer com farinha, se fosse preciso porque é muito gostoso pra quem bebia, (...) botava um pouquim de tinta, de corante, por exemplo, de uva ou de maça, a cor que você quiser, pra ficar da cor e fazia outros branco né? aí pronto, era assim quando uma ganhava menino novo assim, era muito festa. (Leonilda coelho Tenório dos Santos, 2010)

O que se pode perceber com muita clareza é que o nascimento era um momento no qual a comunidade participava ativamente, desde um mês antes, sendo assim uma importantíssima prática de sociabilidade e comunhão no Grilo. O nascimento pertencia à comunidade, era um momento de encontro, de troca de informações e de interação social, entretanto esses momentos sofreram e um profundo

processo de resignificação dessa característica o que, segundo as falas, se deu em função da medicalização deles.

Quando perguntado acerca as festividades que a chegada de uma criança suscita atualmente foi comum respostas do tipo: “Hoje tem mais nada não, nasceu chegou da maternidade pronto, num tem pirão, num tem essas coisas não, tem mais nada sabe?” (Josefa Graciliano Tenório, 2010)

O que se explica é que hoje a mulher vai pra maternidade, em Campina Grande, e “quando chega já ta tudo pronto”, não precisa mais chamar parteira, não se tem mais orações quando há dificuldades no parto, o primeiro choro não é mais comemorado coma queima fogos, que anunciam o sexo no novo/a membro da comunidade, não há mais o envolvimento comunitário no momento do nascer de cada criança.

Quando o nascimento acontecia inteiramente no interior da comunidade, era como se a cada primeiro choro, os integrantes da comunidade remanescentes de quilombo do grilo reatualizassem o chegar dos seus mais próximos e queridos entes, pois as festas que aconteciam por ocasião do nascimento, uniam os moradores do grilo em alegria. O primeiro choro de um membro do Grilo, anunciava para todos um momento de festa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho se volta pra a comunidade do Grilo, visando modestamente contribuir com o direito a memória, por considerarmos este um direito fundamental dos grupos humanos. É preciso estabelecer meios para a salvaguarda das histórias das comunidades remanescentes de quilombo, por meio da preservação de seus patrimônios tangíveis e intangíveis. Destacando nos últimos a memória e os saberes.

A pesquisa empírica contribui, ainda, para derrubar estereótipos no que diz respeito à compreensão do quilombo na atualidade, especialmente, por focar os moradores da comunidade como sujeitos de sua própria história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. **Escravidão negra no Tocantins colonial: Vivências escravistas em Arraias (1739-1800)** 2 ed. Goiânia: Kelps, 2007.
- ALBERTI, verena. **Manual de História oral**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- _____. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: FGV. 2004.
- ARAÚJO, Osmar Ribeiro de & SANTOS, Sônia Maria dos. **História oral: vozes, narrativas e textos**. Cadernos de História da Educação – n. 6 – jan./dez. 2007
- ARUTI, José Maurício. **Mocambo: Antropologia e História do processo de formação quilombola**. Bauru: EDUSC, 2006.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1 – Artes de Fazer**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2002
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel. 1990.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002
- PINSKY, Carla (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.
- MOURA, Clóvis. **Quilombos: Resistência ao escravismo**. São Paulo: Ática. 1987.
- LEITE, Ilka Boaventura. **Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas**. Revista Etnográfica. Vol. IV (2). 2000. p. 333-345.

FONTES ORAIS

- TENÓRIO, J. G. **Josefa Graciliano Tenório** 1º depoimento [mar.. 2010].
Entrevistadora: Alcione Ferreira da Silva. Entrevista concedida ao projeto: (re)escrevendo as brincadeiras infantis, cantigas, festas e práticas de cura em três comunidades afro-descendentes paraibanas.
- SANTOS, L. C. T. **Leonilda coelho Tenório dos Santos** 1º depoimento [mar.. 2010].
Entrevistadora: Alcione Ferreira da Silva. Entrevista concedida ao projeto: (re)escrevendo as brincadeiras infantis, cantigas, festas e práticas de cura em três comunidades afro-descendentes paraibanas.
- TENÓRIO, M. A. **Manoel Antônio Tenório**. 1º depoimento [out... 2009].
Entrevistadora: Alcione Ferreira da Silva. Entrevista concedida ao projeto: (re)escrevendo as brincadeiras infantis, cantigas, festas e práticas de cura em três comunidades afro-descendentes paraibanas.
- CÂNDIDO, M. L. T. **Maria de Lourdes Tenório cândido**. 1º depoimento [out... 2009].
Entrevistadora: Alcione Ferreira da Silva. Entrevista concedida ao projeto: (re)escrevendo as brincadeiras infantis, cantigas, festas e práticas de cura em três comunidades afro-descendentes paraibanas.